

Avaliação de Risco Socioambiental do uso de defensivos



O ataque de pragas em florestas plantadas impacta a produtividade e o fornecimento de madeira, fibras e energia

A população mundial deve atingir a marca de 8,6 bilhões até 2030 e de 9,8 bilhões até 2050 (ONU). Esse ritmo de crescimento impulsionará a demanda por produtos de base florestal, que são essenciais para o dia a dia das pessoas - desde papel e embalagens, passando por madeira, até fibras e energia renovável. As florestas plantadas para fins produtivos representam apenas 7% da cobertura florestal do mundo, o que equivale a 278 milhões de hectares (FAO, 2015). No entanto, elas são responsáveis pela oferta de 33% da madeira comercializada mundialmente.

Para atender a crescente demanda por produtos florestais é necessário aumentar a produtividade dos plantios e manejá-los de forma sustentável. Ou seja, é preciso continuar com um modelo em que se produz mais, utilizando menos recursos - visando assim o equilíbrio, a manutenção e a conservação dos serviços ambientais.

Uma maneira de garantir a produtividade florestal é a proteção contra o ataque de pragas que causam danos econômicos, sociais e ambientais.



Praga é qualquer espécie de planta daninha, inseto ou patógeno (vírus, fungos e bactérias) que prejudica o crescimento e o desenvolvimento das plantas ou parte delas.

Em regiões tropicais - como o caso da maior parte do Brasil - as condições climáticas são favoráveis à propagação de pragas, pois estas encontram o habitat ideal para sua multiplicação, intensificando os ataques e, conseqüentemente, os danos.

Para minimizar esses danos é fundamental a adoção do Manejo Integrado de Pragas (MIP) que integra, de maneira responsável, diferentes técnicas para proteger as florestas plantadas contra pragas. Essas técnicas têm como premissa o monitoramento, a avaliação da real necessidade de controle e a escolha do método a ser utilizado, incluindo o uso de defensivos.





Floresta sadia

Benefícios sociais, ambientais e econômicos proporcionados por uma floresta sadia e bem manejada.



Social

- ✓ Geração de empregos e renda em toda a cadeia produtiva, do campo à indústria;
- ✓ Inclusão de pequenos e médios produtores locais na cadeia produtiva por meio de programas de parcerias florestais;
- ✓ Desenvolvimento de comunidades locais;
- ✓ Projetos sociais nas áreas de saúde, educação, cultura e qualidade de vida.



Ambiental

- ✓ Conservação de florestas naturais e da biodiversidade;
- ✓ Recuperação de áreas degradadas;
- ✓ Geração de serviços ambientais como captura e estoque de carbono, conservação do solo e de recursos hídricos, ciclagem de nutrientes e corredores ecológicos.



Econômico

- ✓ Florestas altamente produtivas com Manejo Integrado de Pragas (MIP).

Floresta doente

Danos sociais, ambientais e econômicos causados pelo ataque de pragas florestais.



Formiga



Vírus



Fungo



Bactéria



Plantas daninhas



Cupim



Besouro



Lagarta



Social

- ✗ Redução no fornecimento da madeira - matéria-prima dos produtos de base florestal e, conseqüentemente, aumento dos preços;
- ✗ Redução na oferta de empregos e renda.



Ambiental

- ✗ Degradação do solo;
- ✗ Redução na captura e no estoque de carbono.



Econômico

- ✗ Redução em até 50% da produtividade, quando comparado com uma floresta sadia.

Avaliação de Risco Socioambiental é uma abordagem importante para garantir o uso de defensivos, de forma segura

A Avaliação de Risco Socioambiental (ARS) foi reconhecida pela FAO, em 2014, como uma maneira eficiente para avaliar e minimizar os riscos da utilização de defensivos.

Quando os defensivos são necessários, a ARS analisa o risco que eles podem representar à saúde humana e ao meio ambiente com base em legislações relacionadas, condições climáticas, doses, métodos e local de aplicação.

Esta abordagem fundamenta-se em conhecimentos técnicos e científicos reconhecidos internacionalmente, e seu uso deve ser estimulado.

Com a ARS, o perigo e a exposição de cada defensivo são analisados de forma integrada, considerando características locais, para garantir que a aplicação seja feita de forma eficiente, eficaz e segura.

PERIGO x EXPOSIÇÃO = RISCO

O perigo está relacionado às propriedades toxicológicas dos defensivos, que não podem ser mudadas. Assim como os remédios, se mal utilizados, podem oferecer risco ao homem e meio ambiente.

É a maneira como o defensivo agrícola é usado: formulação e dosagem do produto, uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), condições climáticas, frequência, equipamento, forma e local de aplicação.

O risco é a interação entre perigo e exposição. Para minimizar o potencial risco, além de avaliar as propriedades toxicológicas (perigo) de um defensivo é essencial utilizá-lo corretamente (exposição), de acordo com as práticas adequadas de manejo.

A primeira alternativa para minimizar o risco é reduzir o perigo, ou seja, alterar o defensivo. Se não for possível, é fundamental reduzir a exposição.



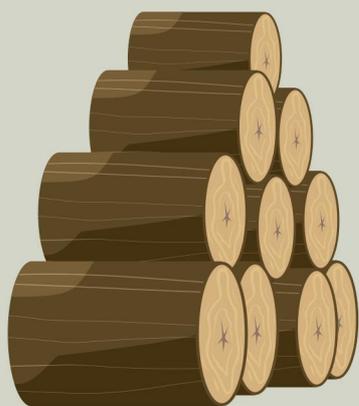
Um defensivo pode oferecer baixo risco, se utilizado de maneira correta



Benefícios da Avaliação de Risco Socioambiental



- + Avaliação ampla que considera não só o perigo do produto, mas o local e a forma de aplicação;
- + Avaliação dos riscos com base na realidade local ou regional onde o produto é aplicado;
- + Mapeamento de forma clara e com base em dados reais dos potenciais riscos à saúde humana e ao meio ambiente;
- + Garantia de implementação contínua de boas práticas de manejo para minimizar a exposição do homem e do meio ambiente;
- + Melhoria contínua das áreas controladas por meio do monitoramento;
- + Geração de informações que conferem mais transparência ao uso de defensivos;
- + Garantia da produtividade da floresta e a continuidade dos benefícios sociais e ambientais que elas promovem;
- + Integração e aplicação de conceitos científicos no uso de defensivos.



Com a Avaliação de Risco Socioambiental na aplicação de defensivos, as florestas plantadas continuarão atendendo a demanda por produtos de base florestal, garantindo a segurança das pessoas e do meio ambiente.